

As memórias da ida ao cinema, o patrimônio urbano e a luta contra o esquecimento¹

Christina Ferraz MUSSE²

Doutora

Theresa MEDEIROS³

Doutora

Márcio Henrique de OLIVEIRA⁴

Mestrando

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG

Resumo:

A história dos cinemas de rua de Juiz de Fora, na Zona da Mata de Minas Gerais, depende de ações afirmativas para não ser esquecida. O núcleo urbano que acolheu a primeira projeção cinematográfica do estado, no século XIX, e chegou a abrigar cerca de quinze salas de projeção simultâneas, perdeu seu último cinema de rua em 2017. Os rastros dessas memórias ainda são palpáveis: alguns prédios ainda estão de pé; frequentadores e trabalhadores dos cinemas estão vivos. Assim, a partir da investigação em documentos, e a coleta de depoimentos, é possível rememorar essas histórias. Neste artigo, apresenta-se o projeto de criação do website “Cinemas de Rua de Juiz de Fora”, financiado por Lei Municipal de Incentivo à Cultura, que pretende, reconstruir as memórias das audiências cinematográficas, a partir dos conceitos caros às metodologias da Nova História do Cinema.

Palavras-chave: História das Mídias Audiovisuais; cinemas de rua; audiência; memórias; website.

1. Introdução

Juiz de Fora, cidade de cerca de 570 mil habitantes, no Sudeste de Minas Gerais, reúne inúmeras expressões artísticas que a singularizam no cenário nacional, em especial a intensa produção audiovisual. Inegavelmente, há uma tradição. Juiz de Fora foi a primeira cidade

¹ Trabalho apresentado ao GT História das Mídias Audiovisuais integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora titular da Faculdade de Comunicação e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq Comunicação, Cidade e Memória – Comcime. E-mail: cferrazmusse@gmail.com.

³ Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), professora adjunta da Faculdade de Comunicação e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens (PPGACL) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Membro do Grupo de Pesquisa/CNPq Comunicação, Cidade e Memória – Comcime. E-mail: theresa.medeiros@ufjf.br.

⁴ Mestrando em Comunicação e Sociedade pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Membro do Grupo de Pesquisa/CNPq Comunicação, Cidade e Memória – Comcime. E-mail: mhofjmg@gmail.com.

mineira a presenciar uma exibição cinematográfica, ainda no século XIX⁵. Logo, o cinema se transformou numa fonte de lazer para a população.

Diversas companhias de variedades se apresentavam na cidade com frequência. Geralmente, exibiam vários tipos de números, como zarzuelas, animais amestrados, operetas, prestidigitadores etc. Numa dessas companhias de variedades, a de Germano Alves, seria apresentado pela primeira vez em Juiz de Fora o “cinematógrafo”, um ano depois de sua chegada no Brasil, dezoito meses depois das projeções em Paris. (FERRAZ, 2017, p.13).

A primeira sala de exibição cinematográfica da cidade foi inaugurada no final do ano de 1900. “O Salão Paris, de propriedade de Carlos Leal e do tenente Alfredo Amaral, localizado na rua Halfeld, número 109, iniciou suas atividades no dia 18 de outubro.” (FERRAZ, 2017, p.17). Os primeiros filmes eram mudos, em preto e branco e de curta duração. Utilizava-se um gramofone para tocar músicas durante a exibição. Nesses primeiros anos, apesar de encantar os espectadores, as exibições cinematográficas ainda não mantinham regularidade. Os filmes eram mais uma atração entre outras, que reuniam peças teatrais, danças, e números de mágica, geralmente produzidos por companhias itinerantes. De qualquer forma, a proximidade com a capital da República, o Rio de Janeiro, fazia com que a *Belle Époque* carioca também contagiasse a cidade mineira, que vivia a euforia de uma crescente urbanização, resultado dos excedentes de capital oriundos das lavouras de café, e de uma rápida industrialização. No final de 1908, Juiz de Fora contava com quatro salas de exibição funcionando simultaneamente. Esses espaços deram um novo glamour ao Centro da cidade. Localizadas na rua Halfeld, ao lado de confeitarias e de lojas de comércio sofisticadas, as salas de cinema transformaram o local em uma nova Cinelândia, em alusão ao centro do Rio de Janeiro.

Em 1911 as salas de exibição se consolidam na cidade, e o cinema se torna um entretenimento rentável e corriqueiro. Devido à concorrência, as empresas se esforçam no sentido de exibir os filmes de maior sucesso no mundo e na capital federal. Filmes nacionais que entraram para a história do cinema brasileiro conquistam grandes plateias na cidade. (FERRAZ, 2017, p. 33).

⁵ A primeira sessão de cinema no Brasil ocorreu na tarde do dia 8 de julho de 1896, em uma loja da rua Ouvidor, no Rio de Janeiro. Em Minas Gerais, a sessão que inaugurou o cinema aconteceu em Juiz de Fora, no dia 23 de julho de 1897, poucos meses antes da transferência da capital para Belo Horizonte. Na nova capital, a primeira exibição se deu em 10 de julho de 1898. (Disponível em: http://www.lapamultshow.com.br/acasa_cinemaNew.php - acesso em fev. 2021).

Entre os primeiros exibidores de cinema, em Juiz de Fora, há que se fazer menção ao legado de João Carriço (1886/1959), um profissional de várias habilidades, que se notabilizou como cineasta e documentarista e, de 1930 a 1950, registrou em seus mais de 200 cinejornais o cotidiano da cidade.

Na década de 1920, após anos promovendo exibições de rua, no que ficou conhecido como Cinema Sereno, o cineasta juiz-forano decidiu realizar projeções nas dependências de sua empresa de carruagens / funerária. Nesta época, as sessões eram improvisadas e o público sentava-se até em tampos de caixões, o que rendeu ao local o nome pejorativo de cine cocheira. (PEREIRA, 2011, p.19).

Depois de alguns anos, Carriço tomou coragem e, em 1927, inaugurou, na atual Av. Getúlio Vargas, o Cine-Theatro Popular. Era uma nova opção para aqueles espectadores que não ganhavam o suficiente para pagar o valor dos ingressos cobrados nos cinemas destinados a uma crescente classe média, na rua Halfeld. Além disso, dois anos depois, ele finalizaria o seu primeiro documentário, o cinejornal “SN-015”. “A obra sem áudio mostra a saída de espectadores de uma matinê no Cine Popular; o bairro Mariano Procópio; o jardim da então 4º Região Militar; e um menino que faz parte da Troupe Edson, que inaugurou o Cine Popular em 1927.” (ROCHA, 2017, p.67).

Nas películas da Carriço Films, ficaram gravadas cenas que fazem parte do imaginário do centro urbano: as visitas do ex-presidente Getúlio Vargas à fazenda São Matheus, a primeira transmissão ao vivo de TV em Juiz de Fora, as batalhas de confete nos carnavais de rua, as procissões, as corridas de automóveis, os jogos de futebol... Esse olhar privilegiado sobre o espaço urbano contaminaria, no futuro, outros jovens cineastas. (SIRIMARCO, 2005; ROCHA, 2008).

Mesmo assim, em Juiz de Fora, existe, aparentemente, um hiato na produção de sons e imagens nos últimos 50 anos. Se, até 1956, a Carriço Film, produtora de cinejornais e documentários, realizou dezenas de obras, após os anos 1960, o cenário é bem diferente, tanto em volume de produções quanto em número de profissionais envolvidos no ofício. Mas a paixão pela sétima arte permanece presente no dia-a-dia da cidade. Os cinéfilos criam, em 1957, o Centro de Estudos Cinematográficos (CEC), que vai promover debates, cursos e projeção de filmes.

Situada no interior, fora do contexto das grandes capitais, Juiz de Fora ganha ares de um centro de exibição do que de mais inovador aparece nas telas. Para tanto, os jovens cinéfilos não poupam esforços, e conseguem trazer para a cidade, novidades como “Hiroshima, mon amour”, filme de Alain Resnais, que é exibido aqui, quase que simultaneamente aos grandes centros. No comportamento desses jovens, havia a rebeldia típica daqueles que procuram não se submeter aos padrões de comportamento vigentes, ditados pela moral católica que, na cidade, expressava seu pensamento através de uma curiosa classificação de filmes, que era publicada em jornais como “Lar Católico”⁶ e revistas como “A Torre de Marfim”⁷.

Entre o grupo de artistas e intelectuais interessados em discutir e pensar o cinema e a produção simbólica daqueles conturbados anos de 1960 e 1970, destacaram-se estudantes, jornalistas, críticos, professores e artistas plásticos, como os fundadores da Galeria de Arte Celina, um foco de resistência à repressão da ditadura civil-militar. Foi esse público que ajudou a organizar dois grandes festivais de cinema, que ocorreram em Juiz de Fora, em meados dos anos 1960. (ARANTES; MUSSE, 2014). Além deles, havia os cineastas amadores, que documentaram a vida familiar, a rotina da cidade e eventos variados, em ingênuas, mas, às vezes, até arrojadas imagens em película Super-8. (COSTA, 2017).

Ao mesmo tempo, curiosamente, as maneiras de perceber e de interpretar o filme e o audiovisual mudaram completamente. A cidade que abrigou dezenas de cinemas de rua, frequentados pela burguesia, como o Cine-Theatro Central, ou pelo operariado, como o Cine Popular (MARQUES; ARMOND; MUSSE, 2018); que teve pequenas salas destinadas à programação alternativa, como o Cine Paraíso (YA YA; BALDUTTI; MUSSE, 2019); que criou o hábito de assistir aos filmes nos bairros distantes, como Borboleta (MARQUES; MUSSE, 2019), e até mesmo em áreas rurais, com o Cinema da Floresta (GONÇALVES; MUSSE, 2012), viu desaparecerem todos os espaços destinados à projeção e situados em vias públicas. O último cinema de rua de Juiz de Fora com estas características, o Cinearte Palace, na esquina das ruas Halfeld e Batista de Oliveira, no Centro, fez sua última sessão de cinema, em junho do ano de 2017. Mesmo com várias manifestações contra o fechamento, o prédio, já vendido a um investidor particular, embora tendo a fachada tombada, nunca mais exhibirá

⁶ Sobre o jornal “Lar Católico” ver mais informações em PEREZ; Luiza Quinet Ramos; MUSSE, Christina Ferraz. “Lar Católico”: a Igreja e a função pedagógica da imprensa”. Anais do III Encontro Regional Sudeste de História da Mídia, Rio de Janeiro, 2014.

⁷ Sobre a revista “A Torre de Marfim”, ver mais informações em BRUM, Alessandra Souza Melett. “A Igreja Católica e o cinema: o caso da revista ‘A Torre de Marfim’”. Anais do XIX Encontro Regional de História. Juiz de Fora, 28 a 31 jul. 2014.

filmes. Atualmente, funciona ali a filial de uma loja de departamentos. Todas as outras salas de cinema da cidade estão localizadas em prédios comerciais⁸, ou no interior de instituições públicas, como a Universidade Federal, e que, neste último caso, não são exclusivamente destinadas à projeção de filmes.

Certamente, para muitas gerações, a ida ao cinema significou mais do que simplesmente assistir aos sucessos de bilheteria. (MARQUES; MUSSE, 2019). O cinema foi o propulsor de inúmeras formas de sociabilidade e também de uma explosão de subjetividades. (CRUZ; FERRAZ, 2018). O cinema cunhou hábitos, comportamentos, e instituiu novas formas de viver no espaço urbano. Esta é a principal questão que é trabalhada na pesquisa “Cidade e memória: a construção do imaginário urbano pelas narrativas audiovisuais”, em que pretendemos não apenas elaborar uma cartografia dos cinemas de rua de Juiz de Fora, mas também, através das entrevistas de história de vida, entender como se dava a relação dos espectadores com a narrativa cinematográfica.

Os objetivos pretendidos pela mencionada pesquisa foram adensados em diálogo com a pesquisa “Cinema de rua em Juiz de Fora e outras audiências: mapeando experiências na cidade”, que tem como objeto o desenvolvimento de análises sobre as memórias das audiências cinematográficas a partir da perspectiva da “New Cinema History” (BILTEREYST; MALTBY; 2012), arcabouço de pesquisa interdisciplinar que considera os equipamentos sala de cinema e as práticas das audiências, estudando-os em vista de variados contextos socioculturais, urbanos, geográficos, históricos, econômicos, políticos, mercadológicos e ideológicos, locais e globais.

2. Mapeamento dos antigos cinemas de rua de Juiz de Fora

A pesquisa faz o mapeamento dos espaços onde as salas de cinema funcionaram, identifica e caracteriza as antigas construções que abrigaram os cinemas, e mostra como esses espaços estão ocupados hoje. Pretende-se reconstruir imaginariamente os trajetos urbanos utilizados por aqueles que tinham o hábito de frequentar as salas e como esses trajetos configuraram uma forma singular de ocupação do espaço público.

⁸ As salas de cinema de Juiz de Fora estão funcionando atualmente no Shopping Alameda (Cinemas), no bairro Alto dos Passos; no shopping Santa Cruz (DuoCine Santa Cruz), no Centro, e no Independência Shopping (UCI Kinoplex), no bairro Cascatinha. Há exibições de filmes e vídeos em espaços públicos como o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, da Prefeitura de Juiz de Fora, no Centro; no Museu de Arte Murilo Mendes e no Memorial Itamar Franco, da UFJF, também no Centro; no Museu Ferroviário, na Praça da Estação; na loja Planet Music, no Alto dos Passos; e no Campus da UFJF, no bairro Martelos.

A pesquisa em seu aspecto macro-estrutural já resultou em inúmeros artigos científicos, capítulos de livros, monografias de conclusão de curso, quatro dissertações de mestrado defendidas, e dois livros: “Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC – Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora”, publicado em 2014, e “Os cinemas de rua de Juiz de Fora: memórias do Cinema São Luiz”, lançado em 2017.

O produto de maior alcance público resultante da pesquisa é o canal do YouTube “Cinemas de Rua de Juiz de Fora” (<https://www.youtube.com/channel/UC11mhvrELqyFny1xyC4ysVQ/featured>), que exhibe episódios da série de audiovisuais produzidos pelos bolsistas de Iniciação Científica sobre os cinemas da cidade. O canal tem 129 inscritos e dez vídeos veiculados: “Ir ao Cinema” (com 2,1 mil visualizações); “Cine Palace” (com 1,1 mil visualizações); “Cine-Theatro Glória” (com 995 visualizações); “Cine-Theatro Central” (com 685 visualizações); “Cine Festival” (com 428 visualizações); trailer “Cinema de rua em Juiz de Fora” (com 258 visualizações); “Cine-Theatro Popular” (com 142 visualizações); “Cine Paraíso” (com 216 visualizações); “Cine São Luiz” (com 184 visualizações); Cine Excelsior (com 267 visualizações). Dois episódios estão sendo finalizados: Cine Veneza e Cine Rex. O projeto tem um perfil no Instagram @cinemasderuajf, com 436 seguidores, e uma *fanpage* no Facebook, “Cinema de Rua”, com 225 seguidores.

A metodologia utilizada envolve a pesquisa documental em acervos de texto e imagem, públicos e privados, em especial, hemerotecas, além da realização de entrevistas em profundidade com personagens que participaram da história recente da cidade (THOMPSON, 2002), no que se refere ao hábito de frequentar cinemas de rua, no período proposto, de 1950 até 2017. A pesquisa, em 2016, ganhou o prêmio de melhor “Projeto de Iniciação Científica”, na Área de Ciências Sociais Aplicadas, no Seminário de IC da UFJF. Em 2018, o projeto ganhou o prêmio “Amigo do Patrimônio”, da Prefeitura de Juiz de Fora. Finalmente, em 2019, a pesquisa recebeu incentivo da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, Murilo Mendes, para a confecção de um website. Esta é uma forma prática de dar conta do interesse que existe, em Juiz de Fora, pela memória, e que reflete, de certa forma, nos inúmeros canais e perfis nas redes sociais que tratam do tema e que, em síntese, refletem um sintoma de nosso tempo, o desejo de memória. (HUYSSSEN, 2000).

A investigação contempla alguns eixos privilegiados:

- Identificação dos cinemas em atividade na cidade de Juiz de Fora no período de 1950 a 2017;

- Elaboração de uma cartografia, em que são localizados os endereços de funcionamento dos cinemas, com base em mapas, e também a identificação dos prédios, onde funcionavam as salas de exibição por meio de fotografias, películas, fitas magnéticas e outros suportes;
- Identificação e registro fotográfico e audiovisual da destinação atual dos velhos prédios ou das novas construções que os substituíram;
- Confeção de pequenas séries audiovisuais (webdocs) a serem exibidas na internet, mostrando a diferente ocupação do espaço urbano, a partir dos trajetos usados por aqueles que frequentavam os cinemas, e também evidenciando as transformações da cidade, a partir da demolição de prédios, da sua reforma ou da conservação;
- Propiciar, através das webseries, a discussão sobre o destino dado aos espaços de cultura no município de Juiz de Fora;
- Divulgar as webseries em especial junto a um público mais jovem, de escolas de primeiro e segundo graus, para promover a conscientização da necessidade de uma agenda de defesa do patrimônio público, em especial, dos bens culturais.

3. Bens culturais e mídias digitais

As distintas argumentações utilizadas para o reconhecimento de um bem cultural, por determinada coletividade, sugerem a diversidade de escolhas possíveis para a representação de manifestações sociais. O que passa a ser considerado como significativo diz respeito, portanto, ao próprio conceito que se tem de cultura e de relevância cultural. (MELO; CARDOZO, 2015). Tais conceitos dependem, por sua vez, da dinâmica histórica e das relações sociais, nas quais estão em jogo os poderes constituídos e o ponto de vista pelo qual se conta a História.

Contar a História e saber ouvi-la tornam-se, dessa forma, fundamentais para a reconstrução de memórias, percepções, saberes e fazeres identitários, permitindo a revisão do próprio conceito de cultura, em que toda produção humana passa a ser considerada, a despeito da condição econômica de quem produz a cultura. A própria concepção de História – de sociedade, de homem e de humanidade – encontra-se em jogo ao considerarmos as transformações sociais e as diferentes visões relativas ao que se entende como cultura e àquilo

que é considerado como culturalmente relevante, devendo ser transmitido para novas gerações.

O resultado dessa ação humana, nomeada como bem cultural, assim como sua devida apropriação, passam a representar a constatação de um legado que se torna fundamental para o reconhecimento de continuidade e contiguidade entre passado e presente, fornecendo pistas de quem somos e de onde viemos, ou seja, permitindo que tenhamos uma identidade. (BARRETTO, 2000). Como sugerido por Halbwachs (1990), para a constatação de uma memória coletiva, é necessária uma capacidade de lembrança, que deverá considerar o ponto de vista de um ou mais grupos e, depois, se situar novamente em uma ou mais correntes do pensamento coletivo. Dessa forma, um grande número de lembranças recordadas por outras pessoas, mesmo quando essas não estão materialmente presentes, são capazes de nos remeter à noção de memória coletiva, ao evocarmos acontecimentos que tiveram lugar na vida de nosso grupo.

Não obstante a capacidade de lembrança sugerida por Halbwachs (1990), a necessidade de manutenção de algum tipo de identidade – étnica, local ou regional – parece ser essencial para a sensação de segurança por parte das pessoas que, unidas por laços extemporâneos a seus antepassados, a um local, a uma terra, a costumes e hábitos, passam a se sentir mais amparadas e informadas sobre quem são e de onde vêm, em meio ao turbilhão de informações, às mudanças repentinas e à quantidade de estímulos percebidos na contemporaneidade. (BARRETTO, 2000). Nesse contexto, Huyssen (2004) ressalta as possibilidades criativas associadas ao campo da memória, preocupando-se mais com o futuro do que com o passado – com a perda de tradições – e com a “memória autêntica”.

Atualmente, as mídias digitais oferecem novos meios e recursos para se contar a História, permitindo uma espécie de ampliação da percepção do espaço real, através de experiências que envolvem ambientes híbridos ou mesclados, em que o real e o digital se complementam e possibilitam maior acesso a informações. O entendimento do atual estado de coisas emergido da revolução digital tem como referência o surgimento de novos aparelhos produzidos após a Revolução Industrial, que proporcionaram o surgimento de novos tipos de signo que, por sua vez, passaram a habitar nosso cotidiano. (SANTAELLA, 2013).

A sociedade contemporânea não dispõe, necessariamente, de uma ampliação das formas de comunicação humana, mas da maior disseminação de instrumentos de informação, em que a utilização do “[...] celular como ‘controle remoto da vida’ não garante a construção de uma sociedade da comunicação aberta, melhor ou em direção ao entendimento”. (LEMOS, 2005, p. 9). Por outro lado, as potencialidades de salvaguarda e disponibilização de bens culturais diante da crescente popularização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) – especialmente associadas à mobilidade e à conexão em rede – ressaltam a possibilidade de armazenagem de todo tipo de documento, por meio de sua digitalização, seja ele um depoimento oral, um texto, uma imagem, ou um vídeo, com a vantagem desses documentos não se “desgastarem” com o tempo. (SANTIAGO, 2007).

Para o efetivo uso da comunicação diante de um contexto marcado pela “digitalização dos bens culturais”, torna-se necessário um processo capaz de usufruir das possibilidades oferecidas por ambientes híbridos ou mesclados, caracterizados pela ampliação da realidade física, através dos meios digitais, que permite, por exemplo, a apresentação do bem cultural em níveis não lineares de leitura (SANTIAGO, 2007). A riqueza maior dessas experiências residiria na mesclagem entre as espacialidades concreta e virtual, quando novos saberes são construídos. A passagem do bem cultural ao ambiente virtual pode gerar, assim, novos conhecimentos que acabariam retornando ao objeto concreto na forma de uma ampliação de sua compreensão.

A efetiva difusão de bens culturais por meio das mídias digitais deverá compreender, portanto, o que Lemos (2005) define como uma nova “cultura telemática”, em que a internet móvel aproxima o homem do desejo de ubiquidade e faz emergir novas formas de consumo de informação, com novas práticas de sociabilidade. Práticas, essas, que ensejam repercussões sobre a própria aparência das ruas urbanas do século XXI e uma relação cada vez mais intrínseca entre os espaços físicos da cidade e o espaço virtual das redes telemáticas, permitindo o reconhecimento do contexto contemporâneo – com destaque para a conexão em rede e a mobilidade – como essencial para a gestão informacional, comunicacional e urbanística das cidades.

A comunicação ubíqua característica dos dispositivos móveis, bem como sua atual condição pervasiva, influenciam novos hábitos e comportamentos que proporcionam, a qualquer tempo, desde que disponível o acesso à rede, a “interação” entre as pessoas, e delas com os cada vez mais variados objetos que as circundam. Com vistas à possível utilização

das TIC no processo didático-pedagógico relacionado à compreensão da importância do bem cultural associado à memória e à identidade coletiva, ressalta-se o fato de que a interatividade só é possível graças a uma interface definida a partir de “ambientes” que consentem a adaptação de dois ou mais sistemas mútuos, o que permite a conversação entre a máquina e o humano. Montenegro (2019) ressalta que, para a correta decodificação da mensagem compartilhada em um dispositivo tecnológico, torna-se fundamental a eficaz utilização do mesmo, sendo que tal decodificação se relaciona diretamente com a interface, que será melhor projetada quando não necessitar de explicações nem requerer indicações para o seu uso, que passa a ser intuitivo.

O projeto de criação do website “Cinemas de Rua de Juiz de Fora” pretende reconstruir as memórias de uma cidade marcada pela intensa produção audiovisual e por sua paixão pela sétima arte. Para tanto, considera aspectos que enfatizam, atualmente, a mobilidade característica das mídias digitais e o facilitado acesso aos chamados smartphones. Nesse sentido, seu desenvolvimento teve por base no conceito de “*mobile first*” (WROBLEWSKI, 2009), em que o acesso pelo telefone celular é privilegiado sem descartar o uso de outros tipos de dispositivos para o alcance das informações publicadas. Tal conceito se aplica a projetos desenvolvidos para a web em que o foco inicial da arquitetura é direcionado para os dispositivos móveis e, em seguida, para os chamados desktops.

Além da preocupação relativa à mobilidade, a utilização de recursos audiovisuais, de conteúdo textual e imagético para o desenvolvimento do website “Cinemas de Rua de Juiz de Fora” pretende a expansão dos universos de seus utilizadores, proporcionando-lhes o alcance de novas perspectivas, acessíveis por meio das narrativas factuais e da lógica transmidiática, capazes de convocá-los à participação e organizá-los em comunidades (MONTENEGRO, 2019). Procura-se despertar, assim, o interesse, o engajamento e a participação do indivíduo por meio do compartilhamento de histórias de vida que marcaram sua relação com o cinema, tradicionalmente transformado numa fonte de lazer para a população juiz-forana.

A citada lógica transmidiática se relaciona, no caso do projeto “Cinemas de Rua de Juiz de Fora”, à possibilidade de compartilhamento de informações, opiniões e vivências por meio das redes sociais integradas ao website, através do acesso a entrevistas de história de vida e ao entendimento de como se dava a relação dos espectadores com a narrativa cinematográfica na cidade, possibilitando a rememoração de hábitos, comportamentos e

vivências experimentadas no espaço urbano. Com a elaboração de uma cartografia dos cinemas de rua de Juiz de Fora, o website pretende valorizar, também, os lugares de memória representados pelos bens materiais que ainda permanecem como patrimônio cultural da cidade, além de proporcionar o aprendizado e o reconhecimento dos locais que abrigaram edificações que não mais existem no cenário urbano.

Santaella (2013) afirma que, diferentemente das mídias massivas, as mídias computacionais permitem que os usuários tenham controle sobre o fluxo de informações, sendo capazes de lidar com conteúdo em excesso e descontinuado, integrando comunidades virtuais, articulando ideias de forma muito rápida e desenvolvendo o pensamento crítico. Destaca-se, ainda, o incremento recebido pelo chamado *e-learning* com os aparelhos móveis, que inaugurou um novo paradigma, o da *m-learning*, ou educação on-line acrescida de mobilidade. Esse tipo de modelo educacional permite a constante aprendizagem, intensificando a criação e o compartilhamento do conhecimento.

O projeto do website “Cinemas de Rua de Juiz de Fora” almeja, através de sua divulgação prioritariamente associada às mídias digitais móveis, a aprendizagem relativa aos bens culturais e a discussão sobre o destino dado aos espaços de cultura no município de Juiz de Fora, procurando promover a conscientização da necessidade de uma agenda de defesa do patrimônio público, resultando em material científico que contribua para a revitalização da história cultural recente da cidade, levando à sua preservação, e também ao desenvolvimento de políticas públicas que permitam a conservação da memória dos cinemas de rua como lugar de encontro e de construção de relações de pertencimento com a cidade.

O projeto apresenta, por fim, um material didático disponível em e-book para professores da Escola Básica com atividades desenvolvidas em diálogo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que explora unidades temáticas como "Transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos"; "Circulação de pessoas, produtos e culturas", "Registros da história: linguagens e culturas"; "Conexões e escalas"; "Formas de representação e pensamento espacial" e "O sujeito e seu lugar no mundo". Sendo assim, o website “Cinemas de Rua de Juiz de Fora” se constitui como um projeto desenvolvido para promover o diálogo entre a produção acadêmica e a sociedade. O uso do website no contexto escolar promove a circularidade do debate em torno do patrimônio, das transformações, permanências e das histórias de vida.

4. Considerações finais

A pesquisa sobre as sociabilidades resultantes da ida ao cinema de rua tem resultado em vários produtos bibliográficos e técnicos que revelam a importância da rememoração e da reflexão dessas questões para os estudos do audiovisual, da memória e do imaginário (SILVA, 2003). O hábito de ir ao cinema foi um dos mais importantes na conformação das sociabilidades urbanas no século XX. Os filmes fazem parte do imaginário de toda a população mundial. A maneira de assisti-los é que mudou. E, no caso de nossa investigação, é isso o que nos interessa interpretar. Na nossa opinião, a mudança do dispositivo tem influenciado de forma direta a maneira como ocupamos e vivemos o espaço público, cada vez mais reduzido ao espaço privado, e doméstico (se pensarmos em termos de crise sanitária). Quando deixamos de percorrer as ruas do mundo real, de sentir os cheiros que delas exalam, de esbarrar em outros que não são como nós (CAIAFA, 2007) de assistir aos filmes, todos juntos, em um espaço que mais parece um palácio, estamos reconfigurando nossa sensibilidade e nossa maneira de sentir a cidade e o mundo, elaborando, de certa forma, uma nostalgia, que não precisa ser vista apenas como uma espécie de saudade, mas como motor de mudança. (NIEMEYER, 2018).

Ao utilizar a tecnologia para rememorar os hábitos das audiências dos cinemas, localizá-los no espaço da urbe, revelar detalhes das fachadas externas e das salas de projeção, não pretendemos apenas evocar a nostalgia daqueles que frequentaram esses lugares, de forma saudosista, mas repensar a relação dos habitantes com a sua cidade, e refletir no que esses espaços de sonho foram transformados. Estacionamentos? Lojas comerciais? Igrejas? Prédios de apartamentos? A cidade apagou os vestígios dos cinemas ou eles ainda podem ser identificados? Houve algum tipo de preocupação com a patrimonialização? Em Juiz de Fora, apenas três prédios, Cine Palace (exterior), Cine São Luiz (exterior) e Cine-Theatro Central (interior e exterior) foram tombados pelo poder público municipal. Eles ainda são visíveis, mas nem sempre reconhecíveis, no espaço urbano. O website “Cinemas de Rua de Juiz de Fora” é uma tentativa de refletir sobre a história desses cinemas, seu lugar (ou não-lugar) na malha urbana, antigas e recentes formas de sociabilidade. Ao ser acessado pelo celular, o website propicia uma nova forma de fruição da cidade, uma nova relação com o espaço e o tempo, que ressignifica a urbe e sua ocupação pelos cidadãos.

5. Referências

ARANTES, Haydêe Sant'Ana; MUSSE, Christina Ferraz. **Memórias do cineclubismo**: a trajetória do CEC – Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora: Funalfa, 2014.

_____; _____. Cinema e memórias: os relatos de experiência cineclubista do Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora (CEC) na construção de sociabilidades. In: BRUM, Alessandra; MELO, Luís alberto Rocha; PUCCINI, Sérgio. **Cinema em Juiz de Fora**. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2017.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento. Campinas: Papirus, 2000.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Ministério da Educação. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Brasil, 2021.

BRUM, Alessandra; MELO, Luís Alberto Rocha; PUCCINI, Sérgio (orgs.). **Cinema em Juiz de Fora. Juiz de Fora**. Editora UFJF (MG), 2017.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades**: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

COSTA, Maria de Oliveira Barra. **Juventude e cinema nos anos 1970**: a I Mostra de Juiz de Fora de Cinema Super 8. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Comunicação. Juiz de Fora: UFJF, 2017.

CRUZ, Lúcia Santa; FERRAZ, Talitha (orgs.). **Nostalgias e mídia**: no caleidoscópio do tempo. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

FERRAZ, Talitha. **A segunda Cinelândia carioca**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012.

FERRAZ, Rosane Carmanini. A chegada do cinema em Juiz de Fora: uma nova opção de entretenimento no centro cultural de Minas Gerais (1897-1912). In: BRUM, Alessandra; MELO, Luís Alberto Rocha; PUCCI, Sérgio (orgs.). **Cinema em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2017. pp. 11-36.

GONÇALVES, Raruza Keara Teixeira; MUSSE, Christina Ferraz. Patrimônio oral: memórias sobre o Cinema da Floresta e a Produtora de Cinema Regina. **Revista Brasileira de História da Mídia**. v1, n.1. 2012. pp.79-87. Disponível em <https://www.unicentro.br/rbhm/ed01/artigos/08.pdf>. Acesso em 28 mai. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Paris: Edições Vértice, 1990.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MARQUES, Valéria Fabri Carneiro; ARMOND, Vívian Maria Oliveira; MUSSE, Christina Ferraz. **“Do povo para o povo”**: Cine Teatro Popular como marco da história de Juiz de Fora. Anais do V Encontro Regional Sudeste de História da Mídia. Belo Horizonte, MG: 2018.

_____. **Cine ParaTodos**: imaginários e memórias do cinema no bairro Borboleta. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Juiz de Fora: UFJF, 2019.

_____; MUSSE, Christina Ferraz. **Entre vestígios e ruínas**: imaginários e memórias do Cine-Theatro ParaTodos. Anais do XII Encontro Nacional de História da Mídia. Natal: UFRN, 2019.

MALTBY, Richard; BILTEREYST, Daniël; MEERS, Philippe (orgs.). **Explorations in New Cinema History: approaches and case studies**. Oxford: Blackwell Publishing, 2011.

MELO, Alessandra; CARDOZO, Poliana Fabiula. Patrimônio, turismo cultural e educação patrimonial. **Educação & Sociedade**, v.36, n.133, Campinas, 2015. p. 1059-1075. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302015000401059. Acesso em: 17 jun. 2021.

MONTENEGRO, Pablo Escandón. Patrimonio de interfaz mutante. Narrativa y difusión del patrimonio ecuatoriano en las redes sociales. **Hipertext.net (Espanha)** – Revista Académica sobre Documentación Digital y Comunicación Interactiva, Universitat Pompeu Fabra, n. 18, p. 56-65, Barcelona, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/126238>. Acesso em: 17 jun. 2021.

ROCHA, Adriano Medeiros da. **Cinejornalismo brasileiro** – uma visão através das lentes da Carriço Film. Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2008.

_____. Carriço Film: a produtora cinematográfica que eternizou memórias da antiga Manchester Mineira. In: BRUM, Alessandra; MELO, Luís Alberto Rocha; PUCCI, Sérgio (orgs.). **Cinema em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2017. pp. 65-87.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano**: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2008.

_____; FAÚLA, Gilberto; HENRIQUES, Rosali. **Cinemas de rua de Juiz de Fora**: memórias do Cinema São Luiz. Juiz de Fora: Funalfa, 2017.

NIEMEYER, Katharina. O poder da nostalgia: sobre o papel e o lugar da mídia e da comunicação (acadêmicos) em estudos sobre nostalgia. In: CRUZ, Lúcia Santa; FERRAZ, Talitha (orgs.). **Nostalgias e mídia**: no caleidoscópio do tempo. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018. pp. 29-45.

PEREIRA, Fausto Coimbra Alves. **Uma nova versão**: análise dos elementos de ficção presentes nos cinejornais de João Gonçalves Carriço. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2009. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1AJey8xHkkUOZX9BietYQWozbZeZO5FUH/edit>. Acesso em: 25 mai. 2021.

ROCHA, Adriano Medeiros da. **Cinejornalismo brasileiro** – uma visão através das lentes da Carriço Film. Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2008.

_____. Carriço Film: a produtora cinematográfica que eternizou memórias da antiga Manchester Mineira. In: BRUM, Alessandra; MELO, Luís Alberto Rocha; PUCCI, Sérgio (orgs.). **Cinema em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2017. pp. 65-87.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTIAGO, Rodrigo Peronti. **Memória e patrimônio cultural em ambientes virtuais**. Dissertação (Mestrado em Engenharia). Escola de Engenharia, São Carlos, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-10022008-144940/pt-br.php>. Acesso em: 17 jun. 2021.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SIRIMARCO, Martha. **João Carriço o amigo do povo**. Juiz de Fora: Funalfa, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** – história oral. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2002.

WROBLEVSKI, Luke. **Mobile First**. A Book Apart, 2011. Recurso on-line. Disponível em: <https://abookapart.com/products/mobile-first>. Acesso em: 17 jun. 2021.

YA YA, Hsu; BALDUTTI, Carla; MUSSE, Christina Ferraz. **Cinema Paraíso**: imaginário urbano no cinema de rua de Juiz de Fora. Anais do XII Encontro Nacional de História da Mídia. Natal: UFRN, 2019.

